

“O skate invade as ruas”: história e heterotopia

“The skateboarding raid the streets”: history and heterotopia

Leonardo Brandão¹

Resumo

Este artigo tem por objetivo relacionar a noção de heterotopia, proposta por Michel Foucault, com o momento de emergência do *Street Skate* durante a década de 1980. Para tanto, utiliza-se como fonte três publicações do período, as revistas *Yeah!*, *Overall* e *Skatin'*. Trata-se, fundamentalmente, de pensar a cidade revelando espaços de enunciações subjetivas que, gradualmente, foram sendo incorporados, interpretados e utilizados como elementos de diversão, desafio e subversão da ordem estabelecida.

Palavras-chave: história; heterotopia, skate, cidade; corpo.

Abstract

This article aims to relate the notion of heterotopia, proposed by Michel Foucault, with the moment of emergence of Street Skating during the 1980s. Therefore, it is used as a source three publications of the period, the magazines *Yeah!*, *Overall* and *Skatin'*. It is, fundamentally, to think the city revealing spaces subjective utterances which gradually were incorporated, interpreted and used as elements of fun, challenge and subvert the established order.

Keywords: history; heterotopia; skateboard; city; body.

¹ Professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Regional (PPGDR/FURB) ILINX: Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Lazer e Território Departamento de História e Geografia Universidade Regional de Blumenau – FURB. E-mail: brandaoleonardo@uol.com.br End. Fundação Universidade Regional de Blumenau. Rua Antônio da Veiga, número 140 Victor Konder, 89012-900 - Blumenau, SC - Brasil

Introdução

Michel Foucault, uma das maiores figuras intelectuais do século XX, foi um filósofo que se fez historiador e um dos primeiros a anunciar que “não é a própria sociedade que constitui a realidade a ser estudada, mas sim os discursos que ela produz, ou então as suas práticas” (BARROS, 2004, p. 141). Apesar de sua morte prematura no ano de 1984 (ele foi uma das primeiras vítimas famosas da AIDS), Foucault foi um pensador prolífico, escreveu muitos livros e ministrou várias conferências (inclusive no Brasil).

Em sua trajetória acadêmica, sua preocupação com o corpo – ou com uma “história do corpo”, como escreveu – apareceu nitidamente a partir da publicação de “Vigiar e Punir” no ano de 1975, livro que teve rápida circulação internacional e foi rapidamente traduzido para uma série de línguas. Foi a partir deste livro que as análises foucaultianas passaram a evidenciar a “dupla articulação do poder sobre o corpo do indivíduo e do saber com o poder” (DEFERT, 2010, p. 50), levando-nos a compreensão de que tanto os sujeitos quanto seus corpos são construções históricas. De fato, a decifração do corpo constituiu-se como um eixo central na genealogia foucaultiana, e por isso os estudos sobre o corpo nas Ciências Humanas devem muito a esse momento de sua produção intelectual. Com Foucault o corpo ascendeu verdadeiramente ao estatuto de objeto de pleno direito, mergulhado no campo político, nas relações de poder, nas técnicas de dominação, no uso dos prazeres e nos cuidados de si (COURTINE, 2013, p. 17).

Antes, entretanto, dessa guinada corporal nos estudos de Foucault – ocorrida por volta de 1975 – o filósofo fez uso de uma noção muito rica, mas que não chegou a ser retomada em seus estudos posteriores sobre o corpo. Trata-se na noção de “heterotopia”, que apareceu pela primeira vez, de forma muito breve, no livro “As palavras e as coisas”, publicado inicialmente na França no ano de 1966. No entanto, foi somente a partir de uma conferência proferida por Foucault ao Círculo de Estudos Arquiteturais de Paris, em março de 1967 (e publicada posteriormente no Brasil com o título de “Outros Espaços”), que o filósofo forneceu a essa noção algum estofamento teórico e operacionalidade.

Creemos que a noção de heterotopia, pensada inicialmente para fazer referência ao espaço, pode muito se valer das questões relativas à corporalidade. Pois ao analisar a questão da heterotopia em Michel Foucault, Rodrigo Valverde, professor do

Departamento de Geografia da USP, afirmou que um dos propósitos do filósofo fora o de trabalhar com uma forma de concepção espacial que valorizasse a “presença de múltiplas representações conflitantes em uma mesma área” (VALVERDE, 2009, p. 10). De fato, Foucault afirma que “a heterotopia tem o poder de justapor em um só lugar real vários espaços, vários posicionamentos que são em si próprios incompatíveis” (FOUCAULT, 2009, p. 418). Nesse sentido, a virtude de tal noção estaria em nos induzir a uma compreensão mais complexa e heterogênea no espaço, permitindo-nos apontar a existência de percepções que fugiriam da racionalidade instrumental moderna. Para Foucault, portanto, existiriam certos espaços que, em função da movimentação de atores e de seus significados, poderiam ser pensados como espaços de inversão, suspensão ou neutralização da ordem oficial.

Neste artigo, temos por objetivo aproximar a noção de heterotopia formulada por Michel Foucault dos estudos de história urbana, tomando como exemplo uma prática corporal mundialmente conhecida e que, nos últimos anos, vem ganhando a atenção dos estudos acadêmicos centrados na cidade e no esporte: o skate. Assim, com base em revistas publicadas na década de 1980 no Brasil, iremos abordar o desenvolvimento histórico dessa atividade, enfatizando o surgimento de uma modalidade urbana que passou a ser conhecida como *Street Skate* e como ela pode, em sua relação com a cidade, ser um exemplo típico de heterotopia.

A cidade e o *street skate*

O skate foi uma invenção norte-americana que se globalizou. No Brasil, ele foi introduzido na década de 1960. Nesta época ele era geralmente representado como uma derivação do surfê, sendo até mesmo conhecido pelo nome de “surfinho” ou “surfê de asfalto” (BRANDÃO, 2012, p. 26). No início os skatistas (ou “surfistas de asfalto”) apenas desciam ladeiras imitando algumas manobras que os surfistas realizavam nas ondas do mar. Na segunda metade da década de 1970, entretanto, a prática começou a sofrer um processo de esportivização, ganhando publicações especializadas (As revistas *Esquete*, *Brasil Skate* e o *Jornal do Skate*), pistas (*Wave Park*, *Alphaville* e outras), campeonatos, juízes etc. Esse movimento resultou no que hoje é conhecido como skate vertical, atividade constantemente noticiada pela mídia televisiva como “esporte radical” e que se vale de grandes rampas – as quais se parecem com uma grande letra “U” – para a realização dos treinos e competições.

Paralelamente a este skate esportivo, realizado em rampas ou demais pistas específicas para a modalidade, desenvolveu-se também uma outra forma de skate, praticado não em pistas, mas sim em ruas e praças. Esse tipo específico de skate passou a ser conhecido como *Street Skate*. Diferentemente do “surfinho” que somente deslizava pelas ladeiras, o *Street Skate* passou a ser uma prática de interação com os mais diversos aparelhos urbanos, como escadas, bancos, guias, muros, degraus, bordas etc. Como escreveu o antropólogo Giancarlo Machado, o *Street Skate*, como o próprio nome sugere, possui como objetivo principal a prática do skate nas ruas da cidade. No entanto, adverte Machado que essa prática não se deu com a simples circulação dos skatistas entre pedestres, motos ou outros veículos, mas sim como uma prática de interação “com a dinâmica urbana, tendo em vista a procura por ‘picos’, isto é, equipamentos urbanos dotados de certas características que possibilitassem a prática do *Street Skate*” (MACHADO, 2011, p. 23).

Este novo uso do skate, que no Brasil tomou forma a partir da segunda metade da década de 1980, engendrava uma forma de ver e utilizar corporalmente o espaço que não era o previsto nem o aceitável institucionalmente. Pois fazer de um corrimão um obstáculo e não um instrumento de ajuda para apoiar o corpo, usar escadas para saltos e não como um auxílio para se passar de um nível ao outro do pavimento são exemplos concretos e localizáveis de heterotopias; isto é, de invenção de outros espaços dentro dos próprios espaços.

Com a emergência do *Street*, os discursos veiculados nas revistas de skate já não se faziam exclusivamente em prol de sua efetivação como um “esporte radical”. Para além dos vãos alçados nas pistas de concreto ou madeira, esse novo uso do skate nos espaços urbanos ativava formas de enunciações discursivas até então inexistentes (ou pouco relevantes) nessas publicações, incitando a questionamentos e sentidos que fugiam ao par “esporte” e “radicalidade”.

Neste contexto, e para pensarmos a questão das heterotopias, utilizaremos algumas revistas específicas sobre skate publicadas durante a segunda metade da década de 1980. Nosso objetivo aqui não será o de realizar um estudo exaustivo dessas mídias, mas sim identificar como elas retrataram o *Street Skate* no momento de sua emergência como prática corporal e urbana.

A década de 1980 e as revistas de skate

A revista *Yeah!* começou a ser publicada no ano de 1986 em sua segunda edição ela trouxe em sua capa uma foto de *Street Skate*, com a manchete “O skate invade as ruas”. Na fotografia, de autoria de Daniel Bourqui, um skatista – chamado César Portuga – saltava sobre uma escada localizada na cidade do Rio de Janeiro.

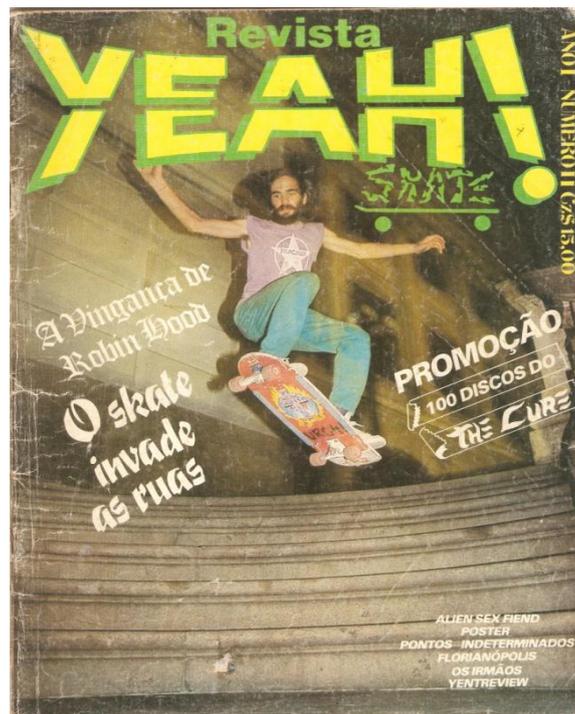


Figura 1: Capa da revista *Yeah!*, n. 2, 1986.

“O skate invade as ruas” também foi o tema do pôster dessa edição, localizado em suas páginas centrais. Além do pôster, uma matéria intitulada “Pontos Indeterminados” apresentava, em dez fotografias, a prática do *Street Skate* em diversos “pontos” espalhados pelas cidades de São Paulo e alguns em Florianópolis. Acompanhando as imagens, uma série de legendas buscava explicar ao leitor que, diferentemente do skate vertical, que dependia de pistas, a prática do *Street Skate* podia ser exercida em qualquer lugar e a qualquer hora. Por isso, no meio das imagens que demonstravam skatistas em ação, deslizando e saltando sobre os mais inusitados pontos da arquitetura dessas cidades (como bancos, muros e paredes), havia inúmeras legendas que diziam, por exemplo, que “aproveitar o espaço é antes de tudo uma questão de

criatividade”, pois “ir à procura de locais skatáveis é uma missão arriscada... é descobrir uma nova aventura a cada local encontrado”².

Além da revista *Yeah!*, também a revista *Overall*, neste mesmo ano de 1986, trouxe em sua capa uma foto de *Street Skate*. Além disso, em uma de suas principais matérias, ela apresentava skatistas “horrorizando os obstáculos das ruas de Sampa”³.

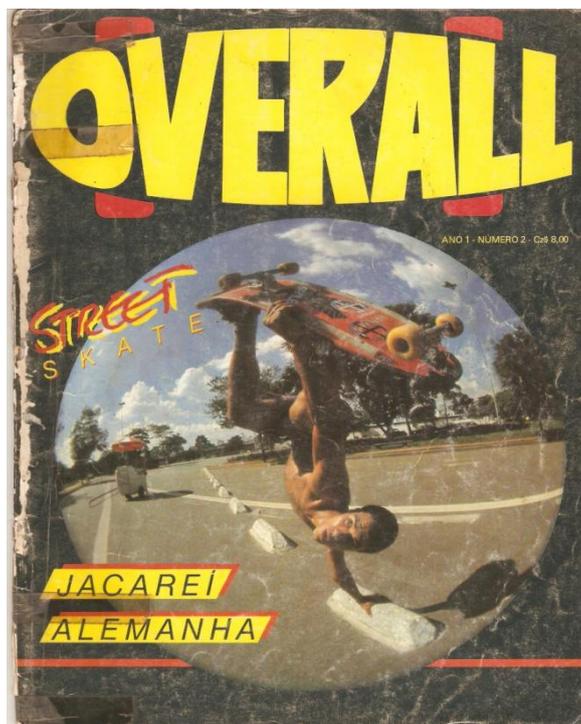


Figura 2: Capa da revista *Overall*, n. 2, 1986.

No interior desta publicação, o *Street* era retratado a partir de um título bastante irônico: “Não acordem a cidade... *Street Skate*”. Possivelmente, este título fazia alusão a uma canção de *punk-rock* produzida no ano de 1985 na cidade de São Paulo e intitulada, justamente, “Não acordem a cidade”. Faixa do álbum “Garotos do Subúrbio” da banda *Inocentes*, a letra da canção, escrita pelo seu vocalista Clemente, começava da seguinte forma: “De noite quando a cidade dorme, anjos negros de asas sujas e escuras saem de suas tocas e tomam conta das ruas. São os reis da diversão (...)”⁴. A matéria da revista seguia o mesmo tom. Escrita por Fábio “Bolota”, ela se reportava ao *Street Skate* da seguinte maneira:

² Revista *Yeah!*, n. 2, 1986, p. 37.

³ Revista *Overall*, n. 2, 1986, p. 5.

⁴ A transcrição dessa música encontra-se em: ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis: punks e darks* no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta, 1994, p. 102.

Eu quero mais é asfalto e concreto, para pegar meu skate e sair por aí, gastando minhas rodas, descendo e subindo ladeiras puxado por ônibus, dropar de muros, horrorizar o trânsito, achar transições para uma boa diversão, entrar na contramão, subir guias, etc. Por que? Porque nós amamos isto, vivemos disto!!! Imagine a infinidade de coisas que uma cidade pode ter em suas ruas, postes, carros, guias, shits, bêbados, bitches, transições, buracos, valas, velhas e muito asfalto. E o que isto significa? Obstáculos? Talvez sim, para aqueles que não possuem a ousadia de encarar ruas desconhecidas e terrenos inexplorados. Mas para outros, todos esses ‘obstáculos’ se transformam num verdadeiro campo de batalha, em que o objetivo é demonstrar o domínio sobre a arma de ataque: o skate. E o *ground* de ação: as ruas!⁵

Um outro exemplo nesse sentido também podemos encontrar na edição de junho/julho de 1989 da revista *Skatin’*. Nesta edição, como podemos visualizar a seguir, a capa apresentava o skatista paulistano “Beto or Die” utilizando-se de um encosto de banco da praça Roosevelt, localizada próxima ao centro antigo da cidade de São Paulo.

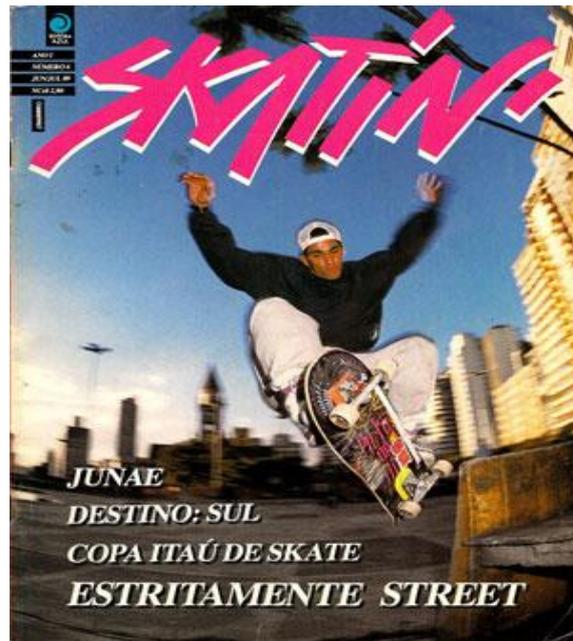


Figura 3: Capa da revista *Skatin’*, n. 6, 1989.

Nesta edição, uma das matérias principais chamava-se “Estritamente *Street*” e tinha como subtítulo: “um modo especial de ver um mundo bastante conhecido: as ruas”. Os textos a seguir são de autoria de Luiz Calado, sendo que cada fragmento reproduzido vinha publicado na revista junto a uma fotografia de um skatista explorando bancos, bordas ou alguma escada. Ao lê-los, eles nos ajudam a pensar a questão das heterotopias,

⁵ Revista *Overall*, n. 4, 1986, p. 16.

Não foi ele que planejou aquilo. E não planejaram pensando nele. Aquilo simplesmente está ali. E não poderia ser melhor / Seus olhos brilham vendo o que ninguém mais vê. Sua mente viaja no que ninguém mais imagina. Seu coração acredita no que ninguém mais crê. E seu corpo vibra com o que ninguém mais sente / Em busca de emoções verdadeiras, ele foge das regras convencionais, cria novos conceitos e vence seus próprios limites / Misturando dimensões de tempo e espaço, ele transforma a ilusão de muitos numa realidade para poucos / As ruas escondem perigos, abrigam incertezas e oferecem desafios. Nas ruas ele mostra coragem, revela precisão e se torna um vencedor. / Entre formas frias e estáticas, ele se torna um ser colorido e móvel / Enquanto as pessoas se escondem em seus gigantes arranha-céus, ele encontra a liberdade a alguns centímetros do chão / Mesmo cercado por centenas de quilômetros quadrados de concreto, poucos metros são mais que suficientes para que ele concentre toda sua criatividade e energia⁶.

Nesta revista, assim como nas duas outras publicações, o skatista era apresentado aos leitores como alguém que “foge das regras convencionais” e, por isso mesmo, “encontra a liberdade”. Não é difícil deduzirmos que a prática do *Street Skate* era bastante diversa daquela praticada em rampas verticais, pistas construídas em espaços delimitados e organizada nos moldes de um esporte de competição. No *Street* até haveria um “vencedor”, como nos diz a citação acima, mas o derrotado não seria um oponente (um outro skatista), mas sim os limites do corpo e dos espaços.

O *Street Skate* fazia um uso irreverente e transgressor das ruas. Nesses espaços não existiam juízes ou o uso do tempo cronometrado. Neles, o que contava era a liberdade para criar, saltar sobre bancos, escadas, enfim, escorregar sobre as dobras da matéria. O skate de rua, neste sentido, manifestava-se de maneira informal e não através da formalidade esportiva (cronômetro, juízes, equipes etc). Tratava-se de novas experiências juvenis, heterotópicas, que buscavam singularizar as vivências do cotidiano ao explorarem “outros espaços”, inventando maneiras de ser onde o corpo tinha um lugar especial.

Considerações finais

A questão é que as heterotopias geram inquietações: um corrimão não é mais um corrimão, nem uma escada é tão somente uma escada. Além disso, não podemos nos esquecer da grande heterotopia citada por Foucault: o navio, figura por excelência do século XIX, o navio inglês nos mares, por exemplo, o navio transatlântico... Pedaco

⁶ Revista *Skatin'*, n. 6, 1989, p. 30 – 39.

grande de espaço que flutua no imenso mar. Mas em nosso caso particular, parece que a heterotopia também pode ser a própria prancha de skate, minúsculo pedaço – comparado com o navio – mais leve que ele, certamente, metáfora do que se passa no século XX e não mais no XIX.

Em Foucault há vários tipos de heterotopias: abertas, fechadas, menores, maiores, umas que parecem fascistas, outras não. Todas são espaços que incluem dentro deles vários espaços que seriam incompatíveis. Mas o *Street Skate* é interessante porque é um espaço que literalmente corre, sai do lugar, não tem lugar e é da sua essência não ter um. O skate corre sobre os espaços da cidade e é um objeto ao mesmo tempo próprio (do skatista) e exposto a todos. É um solo constantemente deslocado, um lugar sem lugar (porque se ele tiver um lugar já deixa de ser o que é). Diferente do navio, um espaço fechado dentro de outro, que oferece conforto, luxo e segurança, o skate seria uma heterotopia mesmo da insegurança, do mínimo necessário, da raridade das coisas para se apoiar, do espaço rarefeito... O skate reenvia a imaginação ao tempo dos primeiros barqueiros, que não tinham nada a não ser uma pinguelinha de barco, prestes sempre a virar. Reenvia à figura do andarilho, despojado e exposto.

Ao observarmos a emergência do *Street Skate* durante a década de 1980 encontramos um exemplo concreto de heterotopia! Pois o que era deslizar sobre um skate senão conquistar algum estilo de vida que estivesse sempre mais próximo da diversão e da rebeldia? Tratava-se, fundamentalmente, de inventar novos modos de subjetividade, de leituras e de uso, intempestivo, do corpo no espaço. Evidentemente, isso implicava uma disponibilidade para o desejo, para um tempo de satisfação, de invenção de si e, sobretudo, de *re-criação*.

Referências bibliográficas

ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.

BARROS, José D’Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BRANDÃO, Leonardo. *Por uma história dos “esportes californianos” no Brasil*. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, 2012.

BRANDÃO, Leonardo. “O surfe de asfalto”: a década de 1970 e os momentos iniciais do skate no Brasil. In BRANDÃO, Leonardo; HONORATO, Tony (orgs). *Skate & Skatistas: questões contemporâneas*. Londrina: Ed. UEL, 2012.

COURTINE, Jean-Jacques. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*. Petrópolis: Vozes, 2013.

DEFERT, Daniel. “Heterotopia”: Tribulaciones de un concepto entre Venecia, Berlín y Los Ángeles. In FOUCAULT, Michel. *El cuerpo utópico: Heterotopias*. Buenos Aires: Nueva Vision, 2010.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In *Ditos e Escritos* (v. III). Estética: Literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 8ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 39 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. *De “carrinho” pela cidade: a prática do street skate em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Antropologia), USP, 2011.

VALVERDE, Rodrigo. Sobre espaço público e heterotopia. In: *Geosul*. Florianópolis, v. 24, n. 48, 2009.

Data de Recebimento: 12/04/2014

Data de Aprovação: 19/08/2014

Para citar essa obra:

BRANDÃO, Leonardo. “O skate invade as ruas”: história e heterotopia. In: **RUA** [online]. 2014, no. 20. Volume II - ISSN 1413-2109. p. 51-60. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade.

<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

Capa: Figura 1: Capa da revista *Yeah!*, n. 2, 1986.

Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB
Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
<http://www.labeurb.unicamp.br/>

Endereço:

LABEURB - LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS
UNICAMP/COGEN / NUDECRI
CAIXA POSTAL 6166
Campinas/SP – Brasil
CEP 13083-892

Fone/ Fax: (19) 3521-7900

Contato: <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>